

VERLIEBTHEIT/TRANSFERÊNCIA

Como é que se fala (disso) mesmo?

Lidia Goldfarb

“O objeto, por assim dizer, consumiu o ego foi colocado no lugar do ideal do ego” (Freud, em “Estar Amando e Hipnose”).

Supus, a princípio, que a confusão entre ideal do ego, ego ideal, verliebtheit e transferência, fosse devida ao desvirtuado decorrente de uma tradução. De fato, dificulta - e muito - a compreensão quando os termos trasladados são utilizados indistintamente. Contudo, conforme constatável - sempre - quando possível desvelar, reconhecer diferenças, desconfundir, há um para além da dificuldade de traduzir do Alemão para o Português. É a própria dificuldade da tradução do verliebtheit para a transferência. São as questões narcísicas. Os percalços de buscar traduzir essa “língua materna”, viagem entre o suposto saber e o luto.

“A relação que existe entre o sujeito e seu Urbild (Ideal-Ich) por onde entra na função imaginária e aprende a se conhecer como forma, sempre pode bascular. Cada vez que o sujeito se aprende como forma e como eu, cada vez que se constitui no seu estatuto, na sua estatura, na sua estática, seu desejo se projeta para fora. Cada vez que se produzem as identificações objetais do Ideal-Ich, aparece este fenômeno ... a Verliebtheit.” (Lacan, em “A Bâscula do Desejo”).

Freud em “Sobre o Narcisismo”, postula a megalomania às expensas da libido objetual, qual seja, retirada do mundo externo e contida no eu. Do outro lado, quando apaixonada, a libido é deslocada para o objeto, “ocando” o eu. Essa revelação narcísica imaginária, miragem, ilusão de unidade, de completitude, é verliebtheit. O outro é depositário das idealizações: o eu ideal.

1

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

Idealização essa que resgataria o narcisismo perdido, a perfeição, quando ele próprio era seu ideal. E, sabe-se, a partir de Freud, que o amor é sempre narcísico, ainda que os espelhos sejam diversos: o que se é, ou se foi, o que se gostaria de ser ou alguém que já fez parte de nós. Por qualquer face que se olhe, busca-se o inteiro.

No lugar de amante, a auto-estima é reduzida, posto que o outro é o possuidor do bem, do saber, imagem excelente. Sendo amado, recupera-se a auto-estima, enaltecendo-a. Algo como: "se sou amado por alguém tão maravilhoso, perfeito, etc., decerto é porque também eu sou maravilhoso".

Enquanto retido no outro, meramente imaginário, não pode o desejo ser reconhecido. Para tanto, mister se faz o salto transferencial ao simbólico. Via Lacan, esclarece-se que a transferência é passível de interpretação, trespassada pela palavra, manejável e reconhecível. Veja-se tal verbete no Aurélio: reconhecer: conhecer de novo quem se tinha conhecido em outro tempo.

É pela balança do desejo que o reconhecimento pode se dar. Em suas idas e vindas, no fluir das identificações, oscilações da libido que, via fala, a história do eu pode ser reconstruída. Basculando entre o eu ideal e o ideal do eu, plano imaginário e simbólico, *verliebtheit* e transferência, ou, como precisa Lacan, na Tópica do Imaginário, a *verliebtheit* "é um fenômeno que se passa ao nível do imaginário e o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária".

Qual seja, diante do "acidente cardio-vascular", onde a libido se paraliza, reinvestida narcisicamente ou depositada em um outro, travada a balança, inviável se torna a análise. A fala não mais se faz. Desaparece o suporte da transferência, o ponto de junção entre imaginário e simbólico. Impermeável. Possivelmente, passa-se ao ato. Foi "mero acaso" o título ter surgido com uma

barra separando verliebtheit e transferência. É precisamente a barra que faz a diferença. Simbolizar, tornar dizível e retornável esse amor cego, apaixonado, idealmente perfeito, “intradutível”, em algo a ser vivido como falta. Nas transposições e reposições, alternância dos lugares, oscilações libidinais, permeabilidade entre dentro e fora, destravado o basculante, vencida a estática, acessado se torna o re-constituir-se enquanto história, re-estruturar-se como sujeito, desejo reconhecido. Evanescente sim, contudo, “fort-da”.

Consultas bibliográficas:

FREUD:

Sobre o Narcisismo: Uma Introdução
A Dinâmica da Transferência
Observações sobre o Amor Transferencial
Estar Amando e Hipnose
O Ego e o Id
O Ego e o Superego

LACAN:

A Bâscula do Desejo
Flutuações da Libido
A Identificação por “Eine Einziger Zug”
A Transferência no Presente